

23 . 9 . 63  
P. Braga

# BELISÁRIO BATISTA

123

galeria dos homens, donatários das capitânicas além do Morro Grande, é farta. Peleadores como o Velho Batista; austeros e solenes como o Senhor Grande. E o filósofo Belisário Batista.

Esse, era um boêmio, que a fortuna fizera dono de léguas e léguas de terras, e de milhares de rezes. Se houvesse nascido no Rio de Janeiro, teria sentado nas mesas de Emilio de Menezes, e hoje, sem dúvida, ocuparia uma página de nossa literatura. Sua companhia era uma gargalhada desopilante. Tinha o dom de inventar. Dramatizava e ironizava os fatos em estrepitosas anedotas.

Também ele se enquadrava na dinastia dos homens, senhores de barão e de cutelo, daqueles campos. Mas, os tempos eram diferentes. Não possuía listas e nem precisava de guarda-costas.

Lá sala ele, um dia, de casa e, olhando para o céu, dizia: — "Selem meu cavalo. Vou a P. Alegre por uns dias". Partia e ficava fora quatro anos seguidos, sem voltar para a serra. Mas, cansava-se e então despedia-se dos amigos no Largo dos Medeiros e dizia: "Vou dar uma espiada no meu gado, lá pelos Morrinhos". E ficava nas Fazendas mais quatro anos. Para ele, o tempo não contava.

Foi senhor da guerra. E não tinha nós pelo cérebro, pois seu pensamento era liso e enxergava longe. Longe mesmo. Os jornais e cartas, quando varavam

o Piaf, já tinham mofo de dois dedos. As notícias eram velhissimas. Ainda assim, as novidades não o pegavam sesteando. E nem a revolução de 1923.

Belisário não quis lutar. Deixou que sua fama, obtida em 93, imobilizasse, perto de Ana Rech, o Gen. Paim. Mantinha 30 a 40 homens em armas. Dispunha de forças nos passos do do Rio. E esperou, que aquilo não era mesmo revolução, isto é, coisa de matar e morrer.

Os homens resingavam. Queriam ir para o campo e pelear. A revolução precisava de gente. E o Belisário, firme, lá atrás do Morro Grande.

Os homens passaram aos conciliábulos. Por que o Velho não luta? Cismaram. Era aquela mulher que o retinha. Sair para a guerra, deixá-la naqueles fundões, entre gente de armas...

Não! Não! O velho estava atado àquela saia. E então, para despertar-lhe o entusiasmo pela luta, tomaram-lhe a mulher. — Roubaram-na e a levaram para o Joá, na casa de uns parentes.

Não era a mulher. O Belisário não se mexeu. O que não valia mesmo era a revolução.

Viveu como quis. Solteirão, metido de quando em quando em romancezinhos. Filhos naturais, diversos. Viagens compridas, onde pouco se importava de andar de fraque ou de calças de riscadão, com malinha de pano, muito sebossa.

Um dia, adoeceu. Souberam-no os sobrinhos em Caxias. Foram buscá-lo de automóvel. — Encontravam-no em Vila Seca, vindo deitado numa carretinha. Agonizava. Os médicos o desenganaram. Operaram-no assim mesmo. E como não lhe davam água, pediu-a insistentemente ao sobrinho: "Veja. Milhões de campo. Milhares de rezes. Forças de provisórios. E agora quase mendigando um copo de água".

Foi sua última filosofia.

Morreu. E com ele foi-se o derradeiro representante dos senhores da guerra e dos campos além do Morro Grande.

Rubem BRAGA

(Não é meu)

211